

# **INCENTIVO À LEITURA NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PELOTAS E A INEXISTÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS SISTEMATIZADAS (1987-2003)**

RENATA BRAZ GONÇALVES\*

## **RESUMO**

A pesquisa buscou investigar a existência de uma política sistematizada de incentivo à leitura na rede pública municipal de ensino de Pelotas/RS, entre os anos de 1987 e 2003. A metodologia utilizada abarcou a revisão bibliográfica e a pesquisa documental, tendo como fontes documentos pertencentes aos arquivos inativos da Secretaria Municipal de Educação de Pelotas. Constatou-se que, nesse período, não houve uma política sistematizada de incentivo à leitura por parte do governo municipal e que mínimos foram os reflexos dos programas nacionais de incentivo à leitura na rede de ensino estudada. No entanto, verificou-se a preocupação e a insistência de muitos professores, principalmente aqueles que atuavam em bibliotecas das escolas municipais, em promover o incentivo à leitura. Dessa forma, este artigo mostra que dificuldades foram enfrentadas e que estratégias foram utilizadas por esses professores para amenizar tais limitações.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Educação; Incentivo à Leitura; Leitura; Políticas Públicas; Biblioteca Escolar.

## **INTRODUÇÃO**

Para grande parcela da população brasileira, a iniciação à leitura ocorre nos primeiros anos da educação formal, e essa educação, para a maioria dos cidadãos, é desenvolvida em escolas públicas. Sendo o Estado o lugar da concentração e do exercício do poder simbólico de uma sociedade, espera-se que a partir de sua atuação se crie uma estrutura – nos campos educacional e cultural – estimuladora e facilitadora da formação do leitor, por meio de políticas formuladas para esse fim.

O presente texto apresenta os resultados da pesquisa concluída no final do ano de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa teve por

---

\* Professora do Dep. de Biblioteconomia e História – FURG; doutoranda em Educação – FAE/ UFPEL. E-mail: renatabraz@furg.br

objetivo investigar a existência de uma política sistematizada de incentivo à leitura e formação de leitores, por parte do poder público, na rede pública municipal de ensino na cidade de Pelotas/RS – Brasil, no período compreendido entre os anos de 1987 e 2003.

Tal investigação vislumbrou a possibilidade de identificar iniciativas realizadas em favor da promoção da leitura no município, explicitar a realidade existente nas últimas décadas, e auxiliar na elaboração de futuras políticas. Para tanto, realizou-se inicialmente uma revisão da literatura acerca do assunto, enfocando o conceito de leitura e a sua história (ABREU, 1998; 2000; CHARTIER, 1996; 2001; 2003; FERREIRA, 2001; FREIRE, 1996; 2001; GALVÃO, 2000; KATO, 1995; KLEIMAN, 1993, 1997; ORLANDI, 1987; 1996; 1998; 1999; SOARES, 1991; 1998; ZAPPONE, 2001). Posteriormente, a importância de se trabalhar o incentivo à leitura (SILVA, E. 1981; 1988; 1991; 1997; ZILBERMANN, 1982; 1990; 1991), o tratamento dado à biblioteca na escola (MILANESI, 2002; RÖSING, 2002; SILVA, W., 1999) e as políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil desde 1987 até 2003 (CUSTODIO, 2000). Depois dessa revisão da literatura, partiu-se para a análise dos documentos relacionados à implantação das políticas no município de Pelotas, como se pode observar mais detalhadamente a seguir.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O recorte temporal estabelecido para a pesquisa compreende o período entre os anos de 1987 e 2003, datas correspondentes ao documento mais antigo e o mais atual encontrados e analisados. Essa determinação também foi estabelecida levando em consideração mais dois fatores:

– o primeiro é o resultado de um levantamento dos documentos pertencentes à Secretaria Municipal de Educação (SME), no qual se verificou a inexistência de informações, na área de educação, anteriores à década de 1980, excetuando-se aquelas encontradas em livros-ponto e avaliações de estágio probatório;

– o segundo é o fato de, a partir da década de 1980, aparecerem, de forma sistemática, políticas públicas de incentivo à leitura em âmbito nacional, possibilitando, então, a verificação da abrangência da aplicação dessas políticas num contexto regional, nos anos posteriores.

Com o intuito de melhor analisar as fontes recuperadas, foi criado um banco de dados em MS Access<sup>1</sup> para organização das mesmas.

---

<sup>1</sup> *Software* produzido pela empresa Microsoft que possibilita a criação e manutenção de bancos de dados.

Nesse arquivo foram cadastrados todos os projetos, relatórios, atas, correspondências, etc. (num total de 98 documentos) e definidos campos iniciais, como número do documento, ano, escola, tipo, setor de origem, título, resumo do conteúdo e pré-análise do documento. Em um período de dois meses, todas essas informações foram digitadas em uma tabela, o que permitiu o cruzamento dos dados e definição de algumas categorias de análise.

## **AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE PELOTAS – ALGUNS ACHADOS**

Foram localizados 18 documentos, emitidos pela Secretaria Municipal de Educação, que apresentavam alguma relação com o incentivo à leitura ou poderiam apresentar, tendo em vista que, em alguns casos, tratava-se de planos anuais para todas as áreas ou relatórios anuais de todas as áreas da Secretaria de Educação. Dentre esses documentos, destacam-se os relacionados ao Setor de Supervisão de Bibliotecas, subordinado ao Setor Pedagógico. O Setor de Supervisão era responsável pelas atividades relacionadas à distribuição dos livros didáticos oferecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático, como se observa no Ofício Circular nº 04/99, de 26 de maio de 1999, no qual a supervisora de bibliotecas e a diretora do Departamento de Planejamento Educacional (DPED) esclarecem aos diretores das escolas que o número de livros calculado pelo censo de 1997 foi insuficiente para atender as matrículas de 1999.

Uma discussão sobre a reestruturação da Biblioteca da SME aparece no Relatório Anual da SME de 1987, sob o item “Mudanças no aspecto físico da sala do Serviço Técnico Pedagógico: organização da sala da Biblioteca e Audiovisual” (doc. 01); no relatório de atividades administrativas e pedagógicas da SME de 1992, também consta como meta a “reestruturação da biblioteca da SME para dar atendimento a alunos, professores e comunidade” (doc. 11). Essa meta parece ter sido cumprida, de acordo com o relatório de janeiro a agosto de 1993, do Departamento de Planejamento Educacional, o qual reproduz o mesmo excerto como atividade desenvolvida (doc. 02).

No “Relatório de atividades desenvolvidas no período de fevereiro a março de 1997” (doc. 08) produzido pela SME, observa-se a intenção de desarticular essa biblioteca, pois consta como atividade o “levantamento do acervo da biblioteca da SME para posterior redistribuição dos livros nos núcleos”. Ou seja, naquele momento havia a intenção de que os livros que pertenciam à biblioteca da SME fossem

distribuídos pelas escolas e a biblioteca passasse a ser apenas um depósito de livros didáticos. Isso se confirma com o ofício circular de 04 de junho de 1999 (doc. 14), assinado pela diretora do Departamento de Planejamento Educacional, Magda Soares Valença, que comunica aos diretores das escolas da rede municipal a extinção da biblioteca da SME, que passa a ter como denominação “Central de Livros”.

Outro documento que chama a atenção é o texto intitulado “Papel da Biblioteca na Escola” (doc. 07), distribuído em março de 1998. Nesse documento, está explícito que tipo de relação deveria ter a biblioteca da escola com os demais setores desta, bem como as atribuições destinadas à biblioteca e a todos os membros da comunidade escolar. A existência desse documento, bem como os detalhes que apresenta, contrastam com a realidade, ou seja, a precariedade na maioria das bibliotecas.

## **AÇÕES REALIZADAS PELAS ESCOLAS E A FRAGILIDADE DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES**

No que tange às escolas, foram localizados 80 documentos que, de alguma forma, estão relacionados à leitura, seja por se constituírem em projetos de incentivo à leitura propriamente dita, por projetos interdisciplinares ou, ainda, por relatórios de bibliotecas. Fazem parte desta análise documentos de 39 escolas municipais

Dos 80 documentos emitidos pelas escolas, 26 são planos ou projetos relacionados com a leitura e 54 são relatórios – 52 elaborados por professores que atuam em bibliotecas e dois por direções de escolas. Dos 26 projetos, 21 são oriundos de bibliotecas, os outros cinco correspondem a projetos de professores de classe.

A problemática da falta de espaço físico para a biblioteca escolar aparece em documentos de várias escolas, como, por exemplo, a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Daura Ferreira Pinto (Proj. 59, 2000), EMEF Jacob Brod (Proj. 66, 2000), EMEF João da Silva Silveira (Proj. 36, 1999), EMEF Joaquim Nabuco (Proj. 28, 1999), EMEF Ministro Arthur de Souza Costa (Proj. 33, 1999), EMEF Nossa Senhora do Carmo (Proj. 71, 2000) e EMEF Raphael Brusque (Proj. 39, 1999), que justificaram o atendimento precário da biblioteca pela falta de espaço físico adequado.

Outro problema enfrentado pelas bibliotecas escolares foi a carência de recursos humanos. Em vários relatórios, nota-se a reclamação de que não havia pessoal para trabalhar. Alguns professores que atuavam em bibliotecas informavam que não podiam se dedicar inteiramente e elas porque também exerciam outras atividades na escola.

É revelador que, entre as 39 escolas da rede pública municipal de

ensino, representadas pelos documentos analisados, 15 explicitem claramente a carência de recursos humanos e 10 reclamem por mais espaço físico. Essa situação, que reflete a política do Setor de Supervisão de Bibliotecas, a qual parece priorizar o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, é observada também nos relatórios e projetos elaborados pelas bibliotecas escolares, tendo em vista que, em 20 documentos, é explicitada a preocupação com o recebimento, a organização, a distribuição e o controle dos livros didáticos enviados pelo Ministério da Educação. Alguns relatórios constituem-se simplesmente na listagem de livros didáticos distribuídos nas turmas, de acordo com as disciplinas e séries.

Observou-se também a possível falta de integração entre a biblioteca e o restante da escola. Talvez por esse motivo se justifique a ênfase dada pelo documento “Papel da biblioteca na escola” (doc. 07), emitido e distribuído pela SME, em promover essa integração. Como evidenciado no doc. 07, constata-se que os projetos das bibliotecas escolares têm objetivos como “inserir as atividades da biblioteca como suporte viável na programação da escola” (EMEF Brum Azeredo, Proj. 48, 2000); “participar, efetivamente, das atividades escolares, funcionando como elemento de apoio, enriquecimento e instrumental do currículo” (EMEF Afonso Vizeu, Proj. 44, 2000); ou ainda “promover contatos entre o corpo docente e os recursos humanos da biblioteca” (EMEF Alcides Mendonça Lima, Proj. 45, 2000).

Contudo, apesar de constatar a inexistência de bibliotecas em algumas escolas, ou a recorrente precariedade em muitas instituições, também se verificou, a partir da análise dos relatórios, a existência de bibliotecas escolares ativas, com atividades relacionadas ao incentivo à leitura, como será apresentado a seguir.

## **OS PROJETOS AUTODENOMINADOS DE INCENTIVO À LEITURA**

Observa-se, em excertos de vários documentos, a evidente importância que os professores elaboradores de projetos e relatórios atribuíam à leitura. Percebe-se uma exaltação das potencialidades do ato de ler em diversos momentos, conforme segue:

O indivíduo que não lê torna-se restrito, limitado. A leitura amplia os limites do conhecimento, estimula a imaginação e o pensamento (Proj. 03, 1997).

O aluno só terá chances de superar seus limites através da leitura, do exercício do pensar, analisar e formar uma opinião fundamentada no conhecimento maior do que o oferecido apenas em sala de aula (Proj. 02, 1997).

Nos fragmentos acima transcritos, constatam-se alguns aspectos da concepção sociopolítica da leitura, entendida como uma ação libertadora, capaz de modificar a realidade das pessoas. No entanto, as definições apresentadas pelos professores, nos documentos analisados, acabam também por enfatizar uma visão salvacionista do ato de ler, como se fosse a única alternativa capaz de melhorar a vida dos indivíduos.

Já nos excertos seguintes, observam-se aspectos que possibilitam inferir a influência de duas concepções de leitura (ZAPPONE, 2001): a concepção estruturalista, tendo em vista que se enfatizam elementos como a expressão verbal e a melhoria do vocabulário e da linguagem escrita, e a concepção sociopolítica, na medida em que se verifica a preocupação em ser realizada uma “leitura de mundo”. Contudo, ainda sobressai uma maior preocupação em trabalhar o texto considerado como mensagem, que precisa ser decifrada por meio da análise da sua forma e captação dos seus signos:

[A leitura] é o meio de desenvolver habilidades de interpretação, expressão, visão de mundo, melhoria e enriquecimento de vocabulário (Proj. 02, 1997).

[Objetivos:] ler oralmente com compreensão, fluência, pronúncia correta e entonação ao seu nível; evidenciar vocabulários adequados; ordenação lógica dos fatos (Proj. 45, 2000).

Ainda em relação ao papel da escola e da biblioteca escolar diante da necessidade de incentivar a leitura, destaca-se um excerto que manifesta o entendimento de que incentivar a leitura é responsabilidade da escola e da biblioteca escolar, os quais se qualificam como agentes promotores da leitura:

É preciso resgatar em nossas escolas o gosto pela leitura. Para isto, deve-se valorizar os livros, através de ações que vão torná-los atraentes a nossos alunos. A biblioteca é o local mais favorável para integrar estas ações, já que nela estão os livros (Proj. 03, 1997).

Contudo, por vezes os professores que elaboravam os projetos de leitura, na ânsia de promover a leitura, acabam por incorrer em equívocos, como já foi dito, ao sacralizar o livro como único objeto de leitura e reduzir a biblioteca escolar a mera depositária dos livros.

A partir da constatação dessa perspectiva de que a escola e a biblioteca deveriam ser agentes promotores da leitura, verifica-se a existência de vários projetos que têm como foco o incentivo ao gosto

e/ou hábito da leitura, como se observa nos trechos que seguem:

Criar um ambiente favorável para incentivar o hábito da leitura e pesquisa (Proj. 52, 2000).

Despertar no aluno o gosto e o prazer no ato de ler, oportunizando um clima interativo e participativo (Proj. 79, 1999).

Nesse sentido, além das propostas de atividades de apresentação da biblioteca aos alunos e de instruções de como utilizá-la e a seus recursos, atividades como a “hora do conto” e/ou “hora da leitura” são citadas em 40 dos 80 documentos emitidos pelas escolas. No entanto, percebe-se que na maioria das vezes as atividades são apenas indicadas, sem serem descritos os objetivos, a metodologia e a avaliação. Em alguns casos, está explícito no documento que a atividade é realizada somente quando há ausência do professor de classe e então o professor da biblioteca o substitui realizando a “hora do conto”.

Dentro de um universo de 26 projetos provenientes de diferentes instituições escolares, percebeu-se que a maioria apresentava aspectos comuns, seja na sua forma de apresentação, seja nos tópicos trabalhados. No entanto, causa estranheza perceber que apenas 34,6% (nove projetos) apresentaram uma proposta de avaliação de suas atividades e que estas se diferenciaram consideravelmente entre si.

Exemplos de avaliação propostos nos projetos podem ser visualizados a seguir:

Este plano será considerado satisfatório se, até o final do ano, 60% das atividades previstas forem alcançadas (Proj. 10, 1989);

Este plano será considerado satisfatório se forem atingidos 70% dos objetivos propostos (Proj. 47, 1999);

Observa-se que, nos trechos acima transcritos, há uma mensuração das atividades a serem realizadas. Todavia, deve-se questionar: como medir tais atividades? E se todas as atividades tivessem sido realizadas, mas de forma indesejada por alunos e professores, mesmo assim seria satisfatório?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se que o objetivo da pesquisa aqui relatada foi atingido, tendo em vista que, a partir da análise das fontes consultadas, pode-se responder à pergunta inicial que balizou o trabalho: existiu uma política sistematizada de incentivo à leitura, na rede pública municipal de educação, nas últimas décadas do século XX?

Infelizmente a resposta não surpreendeu, pois os achados sugerem que não houve uma política sistematizada de incentivo à leitura por parte da Secretaria Municipal de Educação de Pelotas, no período estudado. Além disso, não foi possível identificar a concepção de leitura adotada por essa instituição, pois, nos documentos analisados, não se descartou a possibilidade de que, pela limitação da amostra, ainda houvesse outros documentos que fizessem alguma referência ao incentivo à leitura, os quais poderiam ter sido armazenados em outro local, ou mesmo eliminados. Contudo, ressalta-se que, mesmo em documentos de maior abrangência, como os planejamentos e relatórios anuais da SME, não se encontrou citação alguma em relação à leitura e sua promoção.

Essa ausência de registros também possibilitou inferir que, com exceção do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, outros programas de abrangência nacional relacionados à leitura parecem não ter sido incorporados às políticas públicas de educação em Pelotas naquela época. Essa constatação é alarmante, uma vez que, no período investigado, estavam sendo desenvolvidas várias iniciativas, de âmbito nacional, que parecem ter sido ignoradas, como, por exemplo, o Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL), o Programa Nacional Salas de Leitura/Biblioteca Escolar, o Pró-Leitura na Formação do Professor, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) e o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE).

Não obstante, as fontes levaram a constatar que, apesar de não haver registros de ações específicas de incentivo à leitura por parte da Secretaria Municipal de Educação, houve sim um movimento nesse sentido em algumas escolas da rede pública municipal. Esse fato merece destaque, tendo em vista que, apesar do descaso do poder público, os professores o denunciam e, ao mesmo tempo, criam saídas para “driblar” esse “abandono”.

As fontes nos possibilitaram deparar com uma realidade de bibliotecas escolares carentes de recursos humanos, de espaço físico adequado e de recursos materiais. Como incentivar a leitura somente com livros didáticos, os quais apresentam apenas adaptações de fragmentos de textos? Ou ainda, como incentivar a leitura se, na escola, a biblioteca está desativada e até os “benditos” livros didáticos estão faltando? Constatou-se, também, um paradoxo: a Secretaria de Educação elaborou e divulgou um documento denominado “Papel da biblioteca na escola”, no entanto a mesma Secretaria ignorava a mais evidente realidade: muitas escolas não possuíam sequer bibliotecas.

Apesar de os professores demonstrarem “boas intenções” em



promover o incentivo ao ato de ler, de modo geral não pareceram claras suas concepções de leitura. Embora almejando a promoção do ato de ler, os professores não tratavam a leitura como um fim a ser atingido, mas apenas como um instrumento para se desenvolver alguma competência ou habilidade. Dessa forma, os projetos apresentavam, via de regra, como objetivos, promover tal habilidade ou competência e não “o ato de ler propriamente dito”.

É importante ressaltar que alguns professores tinham consciência de suas limitações, por isso sugeriram tanto a contratação de pessoal específico para atuar nas bibliotecas escolares quanto o oferecimento de cursos de formação específica nessa área de atuação. Nesse sentido, depreende-se o quanto foi prejudicial a ausência de uma política de leitura sistematizada, um conjunto de estratégias para promoção da leitura, nas escolas municipais de Pelotas, no período estudado.

É de extrema importância que as denúncias de precariedade apresentadas nos documentos elaborados pelos professores das escolas sejam ouvidas. Além disso, é urgente a necessidade de educadores, bibliotecários e gestores juntarem-se para pensar e discutir a questão da leitura e da biblioteca no contexto escolar, a fim de motivar e formar professores leitores e alunos leitores, de modo que a situação, constatada no final do século XX, não se perpetue nos anos que seguem.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia A. Circulação de livros no Brasil nos séculos XVIII e XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 21. GT de Produção Editorial, Livro e Leitura. Intercom. Recife, 1998. 1 CD.

ABREU, Márcia A. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ABREU, Márcia A. (org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

CHARTIER, Anne-Marie; CLESSE, Christiane; HÉBRARD, Jean. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. *Formas e sentido*. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado Aberto: Associação de Leitura do Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CUSTODIO, Cinara Dias. *Leitura, formação de leitores e Estado: concepções e ações ao longo da trajetória do Ministério da Educação 1930-1994*. Belo Horizonte, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais.

FERREIRA, Norma. *A pesquisa sobre leitura no Brasil: 1980-1995*. Campinas: Arte Escrita & Komedya, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leituras de professores e professoras: o que diz a historiografia da educação brasileira. In: MARINHO, Marildes. *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, 2000.

GONÇALVES, R. B; PERES, E.T. Programas nacionais de incentivo à leitura 1984-2003: repercussão em Pelotas/RS. In: ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 10., 2004, Gramado. *Anais...* Gramado: ASPHE, 2004. p. 301-312.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes; Ed. da Unicamp, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1997.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MILANESI, Luís. *Biblioteca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *O que é lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RÖSING, Tânia M. K.; BECKER, Paulo. *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. Edição bilíngüe. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 1981.

\_\_\_\_\_. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Leitura e realidade brasileira*. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. *Pedagogia da leitura: movimento e história*. In: ZILBERMANN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Waldeck Carneiro. *Miséria da biblioteca escolar*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMANN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 18-29.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ZAPPONE, Miriam Hisae Yaegashi. *Práticas de leitura na escola*. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas. 245 f.

ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

\_\_\_\_\_. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, A.; GOMES, A.; GALVÃO, A. M. O. (org.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZILBERMANN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura: por que a interdisciplinaridade? In: \_\_\_\_\_. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

## **FONTES PRIMÁRIAS CITADAS NO TEXTO**

### **DOCUMENTOS EMITIDOS PELA SME RELACIONADOS COM O INCENTIVO À LEITURA**

Doc 01. PELOTAS. SME *Relatório de atividades do Serviço Técnico Pedagógico do período de 15/03/87 a 31/5/87*. Pelotas, 1987.

Doc 02. \_\_\_\_\_. *Relatório de atividades do período de janeiro a agosto de 1993*. Pelotas, 1993.

Doc 07. \_\_\_\_\_. Supervisão de Bibliotecas. *Papel da biblioteca na escola*. Pelotas, 25 mar. 1998.

Doc 08. \_\_\_\_\_. *Relatório de atividades desenvolvidas no período de fevereiro a março de 1997*. Pelotas, abr. 1997.

Doc. 11. \_\_\_\_\_. *Relatório de atividades administrativas e pedagógicas*. Pelotas, 1992.

Doc 12. \_\_\_\_\_. Supervisão de Bibliotecas. *Ofício circular n. 04/99*. Pelotas, 1999.

Doc 14. \_\_\_\_\_. Supervisão de Bibliotecas. *Ofício circular n. 99/SME*. Pelotas, 1999.

### **DOCUMENTOS EMITIDOS PELAS ESCOLAS DA REDE RELACIONADOS COM O INCENTIVO À LEITURA**

Proj. 01. PELOTAS. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Bibiano de Almeida. *Projeto para a biblioteca 01/97*. Pelotas, 1997. 3f.

Proj. 02. \_\_\_\_\_. Colégio Municipal Pelotense. *Projeto do banco do livro*. Pelotas, abr. 1997. 4f.

Proj. 03. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Almirante Raphael Brusque. *Eu gosto de ler*. Pelotas, 1997. 3f.

Proj. 07. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Dr. Joaquim Assumpção. *Incentivo à leitura*. Pelotas, maio 2000. 5f.

Proj. 10. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Ministro Fernando Osório. Biblioteca João Simões Lopes Neto. *Plano 1989*. Pelotas, 1989. 2f.

Proj. 28. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Joaquim Nabuco. *Relatório da biblioteca*. Pelotas, 1999.

Proj. 33. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Ministro Arthur de Souza Costa. *Relatório final da biblioteca*. Pelotas, 1999.

Proj. 36. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. João da Silva Silveira. *Relatório referente ao funcionamento da biblioteca*. Pelotas, 1999.

- Proj. 39. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Raphael Brusque. *Relatório dos trabalhos da biblioteca*. Pelotas, 1999.
- Proj. 44. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Afonso Vizeu. *Plano de ação*. Pelotas, 2000.
- Proj. 45. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Alcides de Mendonça Lima. *Plano*. Pelotas, 2000.
- Proj. 47. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Balbino Mascarenhas. [*Projeto*]. Pelotas, 1999.
- Proj. 48. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Brum Azeredo. *Plano da biblioteca*. Pelotas, 2000.
- Proj. 52. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. João da Silva Silveira. *Plano 2000 – biblioteca*. Pelotas, 2000.
- Proj. 59. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Daura Ferreira Pinto. *Relatório das atividades executadas na biblioteca*. Pelotas, 2000.
- Proj. 66. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Jacob Brod. *Relatório anual 2000*. Pelotas, 2000.
- Proj. 71. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Nossa Senhora do Carmo. *Relatório*. Pelotas, 2000.
- Proj. 72. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Nossa Senhora das Dores. *Relatório*. Pelotas, 2000.
- Proj. 73. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. Santa Irene. *Relatório das atividades desenvolvidas na biblioteca*. Pelotas, 2000.
- Proj. 79. \_\_\_\_\_. E. M. E. F. [Não identificada]. *Relatório*. Pelotas, 1999.